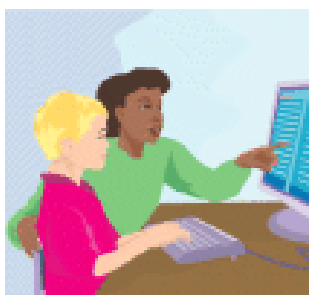


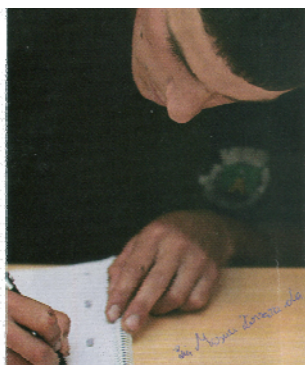
NOME: _____ Nº _____ Turma: _____ Data: ____/____/____



Blogue de apoio aos “Projectos de Leitura” (turmas 8ªA e B, Prof. Teresa Pombo), disponível em: <http://profteresa.net/projectosdeleitura>

Vamos começar o ano e estes novos “Projectos de leitura” pensando na seguinte questão:
Ler mais e melhor.... para quê e porquê?

Para tal, vamos pensar, responder à questão e anotar a resposta na pequena folha fornecida para o efeito. Depois, vamos ler e comentar o texto que se segue.



O NOME COMPLETO É A ÚNICA COISA QUE LUÍS CONSEGUE ESCRIVER SOZINHO, MAS COM ERROS

Luís Miguel Silva não sabe ler nem escrever. Tem 21 anos. Frequentou a escola primária, “até à terceira classe”, mas pouco aprendeu. “Só queria moína”, que é como quem diz, só queria andar na vadiagem, na borgia. Luís tem cara de miúdo. Nem sequer há sinais de uma penugem mais grossa no queixo. Mas tem um olhar triste. Triste e envergonhado. De quem sabe, lá no fundo, que não é bom ser analfabeto. Tenta negá-lo mais do que uma vez respondendo que não sente falta de saber ler e escrever.

“Não gostava de ir à escola”, confessa. Mas gostavas de saber ler? “Sim, isso gostava.” Porque não voltas e tentas aprender? “Não quero.” Porque? Luís encolhe os ombros. Não sabe explicar. Faltam-lhe as palavras para tudo ou quase tudo, assim como lhe faltaram as lágrimas para chorar a morte da mãe, ocorrida há quase três anos. “Ele engoliu. Chorou sempre para dentro”, garante a irmã Diana, um ano mais velha.

Luís é o último de seis irmãos nascidos em Germil (freguesia do concelho de Penalva do Castelo), no seio de uma família pobre. Aos 10 anos, foi para um colégio em Viseu, de onde só saía aos fins de semana. Diz ter aprendido a fazer “muitas coisas”, até “um curso de jardinagem, de cortar relva”. Mas nunca

aprendeu realmente a ler e a escrever. “Acharva difícil”, resume o jovem que admite já ter “esquecido tudo”. Com 18 anos regressou à casa dos pais, mas mal teve tempo de aproveitar o carinho materno. Diz não saber do que faleceu a mãe. Recorda apenas que estava doente. É a irmã quem desfaz as dúvidas. “Ela tinha bronquite asmática, gostava de beber o seu copito e não comia... Olha, foi mais rápido. Se fosse viva fazia em outubro 50 anos”, conta com desembaraço, acrescentando que o Luís foi de todos os irmãos o que mais sofreu com aquela perda. “Fala muito dela, dos tempos em que ia para a fazenda com ela, quando era garoto. Nem fotografias dela posso ter em casa que ele não aguente”, garante.

O pai porventura também acabou por não aguentar a ausência da mulher numa casa cheia de filhos. Foi-se embora vai para dois meses, diz Luís. “Não sei para onde foi, nunca mais disse nada”, revela de cabeça em baixo. Em casa já só restam ele e a irmã Diana. As outras três irmãs casaram e foram embora. O irmão de 25 anos está preso. “Botava fogos”, revelam. De todos, Diana é a que sabe ler e escrever melhor. É ela quem o garante. “A segurança social meteu-me no colégio em Lamego e saí de lá com 18 anos a saber ler e escrever”, afirma orgulhosa. Já trabalhou num café e no lar de idosos de Germil. Agora está em casa. “Mas já falei com a drª da segurança so-

cial para me arranjar trabalho na Câmara de Penalva”, assegura, com um sorriso no rosto. A casa é escura e suja. A pobreza há muito que governa. Uma pobreza feita, sobretudo, de falta de instrução, de conhecimento e de higiene.

A data de aniversário. Até há pouco tempo Luís trabalhou nas obras como servente. Mas o que ele gosta mesmo é de ir para a fazenda mexer na terra, como revelam as suas mãos encardidas, com dedos grossos e unhas bordadas a negro. “De manhã levanto-me às oito e vou ver televisão. Depois vou para a fazenda e fico lá um bocado. Venho almoçar e depois ando por aí. Gosto de ver as novelas na televisão. A dos vampiros e a do mar, da quatro (TVI).” E gosta de ver “os bonecos, também”. Só os filmes não lhe interessam porque não consegue ler as legendas. Ele não se importa. “Eu sou feliz”, garante com um sorriso tímido. E o futuro? A resposta vem novamente num encolher de ombros. “Não penso nisso.” Mas se pudesse aprender a ler e escrever num passo de magia, Luís sabe o que faria em primeiro lugar. “Tirava a carta de condução. Gostava de ser camionista. Já conduzi e gosto”, atira seguro.

O mundo de Luís é simples, mais simples do que provavelmente será o seu futuro ou foi o seu passado. Mas sobretudo é pequeno, tão pequeno que nem sequer sabe o dia em que nasceu. “A minha irmã avisa-me quando faço anos.” Diana confirma com o sorriso que nunca desfez: “Sim, eu digo-lhe. Ele nasceu depois de mim. Eu faço anos a 9 e ele a 22 de março. Mais um dia e fazia anos quando começa a primavera!” E sem se deter conclui: “Eu dou-lhe prendas. Ele até já tem um telemóvel. Ficou com um meu e assim não gastei dinheiro. Ele sabe ver os números e sabe que o D é de Diana e o M de mana.”

No dia seguinte à nossa visita Luís começou a trabalhar na Associação Cultural Social Recreativa e Desportiva, Lda “Os Melros”, uma IPSS (Instituição Particular de Solidariedade Social) fundada por José Manuel Lopes, presidente da Junta de Freguesia de Germil. “É um contrato de um ano. Tem a ver com o rendimento mínimo. A associação só lhe paga 10% do que ele recebe. Mas ele nem sequer sabe ligar o corta-relva! Sinceramente, não sei o que lhes ensinam nas escolas e nesses cursos”, desabafa José Manuel Lopes.

As minhas notas sobre este texto....